

BIBLIOGRAFIA

GRACIÁN, Baltasar: *Oráculo Manual e Arte de Prudência*. Tradução, comentários e notas de Morus. São Paulo, Ahimsa Editora, 1984, 192 pp.

Oráculo Manual, obra do discutido jesuíta Baltasar Graciá y Morales (1601-1658), é, sem dúvida, um livro que Maquiavel gostaria de ter escrito. Seu conteúdo foge a tudo aquilo que a primeira vista este curioso título pode sugerir: "Oráculo Manual". Gracián legou à posteridade um manual de bolso cuja utilidade é muito grande, do meu ponto de vista e se não se desejar ser hipócrita, a líderes políticos, religiosos e sociais. São 300 expressões selecionadas pelo autor e que cuidam desde a formação do caráter do líder até a questão do seu relacionamento com amigos (futuros inimigos), liderados e inimigos. Estas expressões se apresentam como regras de grande generalidade e exigem que o aprendiz da política verifique as circunstâncias de sua vida em que elas podem ser aplicadas.

Gracián é francamente cínico quando recomenda que é importante "Achar o ponto fraco de cada um" para que melhor se aplique a alavanca que faz movimentar a vontade dos outros (nº 26) ou ainda quando sugere o "Saber adaptar-se a todos" inspirando-se em Poseidon que mudava de forma quando queria. Mas em outros momentos ele é realista no relacionamento humano quando percebe muito bem que o mundo em que vivia — foi confessor do vice-rei de Aragão, Francesco Maria Carafa — não era um mundo de santos. Cuidava, portanto, de como alguém poderia se movimentar e sobreviver naquela "selva selvagem" do seu tempo e nas futuras. Neste sentido registrou alguns dos seus axiomas políticos: nº 7 "Evitar vitórias sobre o chefe"; nº 17 "Variar o modo de agir"; nº 28 "Não ser vulgar" e nº 35 "Refletir" cujo comentário transcrevo em parte: "E refletir sobre o que mais importa. Todos os tolos do mundo se perdem por não pensar: nunca enxergam nas coisas sequer a metade do que nelas existe, e como não percebem o que lhes pode ser prejudicial ou conveniente, aplicam mal os seus esforços."

Finalmente, a obra de Gracián lembra em certo sentido os "Ensaios"

de Montaigne. É o relato de uma viagem, não pelo mundo com os seus diferentes países e costumes, mas uma viagem pelo mundo da experiência política, fundamentada na crença do que a natureza humana pouco ou quase nada se altera apesar do cenário mudar muito. É o mesmo homem que se apresenta debaixo de tão diferentes trajes e épocas, sempre governado pelas suas paixões, ódios e idiosincrasias, e, em raros momentos se elevando à santidade. Para contrabalançar os aforismos anteriores, Gracián encerra seu livrinho comentando a expressão "Em uma palavra, santo, e eis que tudo está dito." Teria tentado aplicar na sua vida de côrte a recomendação de Cristo aos seus discípulos para que fossem simples como as pombas e cuidadosos como as serpentes? Se ele o tentou não foi muito compreendido pelos superiores que não apreciavam sua falta de obediência às regras da Companhia de Jesus. Apesar desses problemas de ordem interna, Gracián continuou jesuíta até o final de sua vida e morreu na fé.

Espera-se que suas obras cheguem brevemente ao público brasileiro. Sua prosa é considerada por muitos como uma das mais importantes do século XVII espanhol. Estão à espera de tradução, entre nós, seus livros fundamentais e que são a grande novela filosófica "El Criticón" (1651-53-57); "El Héroe" (1637), "Agudeza y Arte de Ingenio" (1648) e "El discreto" (1646). Em 1960 a editora A Del Hoy, da Espanha, editou suas "Obras Completas". Como já puderam perceber os leitores "Oráculo Manual" é apenas um livro secundário neste conjunto de obras. Apesar disto, sua leitura, ou mais do que isto, sua aplicação na vida parece ser de grande utilidade. Não posso negar que fiquei fascinado pela sua atualidade, oportunidade e sabedoria num Brasil tão saturado de clichês intelectuais.

Antonio Ribeiro de Almeida

BORDIN, Luigi. *Marxismo e Teologia da Libertação*. Rio de Janeiro, Dois Pontos Editora, 1987. 182 p. (Endereço da Editora: Rua da Lapa, 200, Sobreloja 2/6, CEP 20.021 — Rio de Janeiro-RJ).

O livro resultou, originariamente, de uma tese de doutorado em filosofia, defendida no Departamento de Filosofia do IFSC/UFRJ. É de-

dicado ao Frei Leonardo Boff, teólogo e profeta, e a todos os cristãos revolucionários da América Latina, e prefaciado pela cientista social Vânia Bambirra.

O trabalho "pretende mostrar que a Teologia da Libertação, na sua corrente mais expressiva, a de Gutiérrez, Assmann, Boff, Bonino etc., tem como suporte filosófico-teórico alguns princípios fundamentais do marxismo" (p. 13). Mais adiante, o autor explicita melhor o objeto de investigação.

"Pretendemos analisar a relação marxismo-teologia da libertação mostrando que esta relação não só pode como deve mesmo ser tomada a sério, dado que o marxismo, de um ponto de vista teórico e apesar de suas ambigüidades, apresenta-se, ainda hoje, com o quadro filosófico-teórico que continua a dar respaldo, direta ou indiretamente, a grande parte dos movimentos sociais dos povos em busca de sua emancipação. Ele representa, sobretudo para a classe trabalhadora, um ponto de referência essencial, destacando-se, desta forma, como um elemento cultural fundamental do nosso tempo.

"A Teologia da Libertação se propõe elaborar a teologia a partir do fenômeno histórico-político do processo de emancipação dos povos. Ela se pergunta sobre o assunto da fé dentro deste processo. É, pois, uma teologia política" (*Ibid.*). São duas as vertentes mais importantes que têm trazido as maiores contribuições do pensamento vivo e controvertido na América Latina: a cristã e a marxista.

A obra divide-se em duas partes. 1ª *A Teologia da Libertação como teologia política latino-americana*. Para fundamentar essa hipótese de trabalho, há necessidade de, num primeiro momento empreender um estudo histórico, embora sumário, da evolução do cristianismo frente à crise da "cristandade". O cristianismo constantiniano, à medida em que se generalizava como religião oficial, ia gradualmente perdendo sua força mística e profética. O cristianismo medieval tornou-se legalista e centralizado na instituição hierárquica da Igreja, reduzindo-se a um anúncio não tanto do amor quanto de Deus da ira.

O cristianismo da época burguesa volta-se ao culto do privado, a uma ética e uma religiosidade individuais e, muita das vezes, individualistas. É da prática das "virtudes individuais" que se fará a reforma da sociedade moderna. Os problemas de ordem social se apresentam "como externos e secundários na vida eclesial".

Serão necessários as percucientes denúncias e críticas de Marx,

Nietzsche e Freud para levar os cristãos a revisarem sua fé e suas práticas religiosas. A crítica de Marx à religião na linha de Feuerbach surge como crítica a um tipo de cristandade e como crítica à miséria sócio-econômica. Ela não é um fim em si, mas um meio para desmascarar a alienação humana.

"Na interpretação da Nietzsche, as formas de cultura, entre elas o cristianismo, são valores que, na prática, negam e aprisionam a vida" (p. 23). A teologia, então, vai se defrontar com os grandes desafios do mundo moderno e contemporâneo, havendo, depois da Primeira Guerra Mundial, um renascimento tanto na católica quanto na protestante. Aquela encontrará um instrumento mais apropriado no neotomismo, e esta, no existencialismo. O personalismo, na pessoa de Mounier, do grupo e da revista *Esprit*, exercerá, sobretudo no laicato, uma influência decisiva, levando os cristãos a uma atitude mais coerente entre fé e compromisso político-social. Depois, novos caminhos da teologia se abrirão, partindo da "morte de Deus", à teologia da libertação.

Mas, para se entender a Teologia da Libertação faz-se mister situá-la no contexto histórico e avaliar seus motivos sócio-políticos. Na análise da relação Igreja-sociedade deve-se levar em conta a complexidade do fenômeno. Nos anos 60, começa a crise do modelo desenvolvimentista, surgindo toda uma série de movimentos sociais, barrados em seguida pelas sucessivas intervenções militares no continente latino-americano. Isso obriga a Igreja latino-americana, e sobretudo a Igreja brasileira, a um redirecionamento político. A esquerda cristã, o grupo de bispos progressistas, a evolução da Ação Católica Brasileira, a opção pelos pobres e pelas classes populares, as Comunidades Eclesiais de Base e seu potencial político preparam um terreno favorável a um tipo de reflexão e de prática teológica. "É no quadro da evolução dos católicos e da Igreja latino-americana, dentro do processo revolucionário e popular, sobretudo a partir da época da ditadura explícita do grande capital, que podemos entender a Teologia da Libertação. Trata-se de uma teologia que "não surgiu como uma escola de pensamento a mais, saída das universidades e dos centros teológicos, ou fruto de uma reflexão pós-conciliar européia, mas sobretudo como o esforço original em nossos países para ser uma maneira diferente de fazer teologia, reflexão crítica da práxis histórica, como ato que pensa um compromisso de caridade anterior. "Foi nesse contexto de tomada de consciência crítica e de ação social de grupos de cristãos no seio da luta dos movimentos populares que surgiu a exigência de uma nova teologia" (p. 58-59).

A Teologia da Libertação será um novo modelo de fazer teologia a partir da práxis e duma perspectiva latino-americana. A "teoria da dependência" e o processo revolucionário constituirão bases importantes e vitais da nova consciência latino-americana. As "mediações" da Teologia da Libertação serão a sócio-analítica (as ciências sociais e a análise marxista) e a hermenêutica, isto é, a interpretação teológica, realizada à luz da fé e das Sagradas Escrituras. Essa relação será uma relação teórica com a *práxis*. Será uma relação dialética entre teoria e práxis.

11. *A racionalidade marxista e a teologia da libertação*. Será um suporte filosófico-científico muito importante, mas não exclusivo nem excludente da Teologia da Libertação. De outro lado, a teologia de Gutiérrez, a problemática da libertação vem de uma visão profunda e integral da existência humana e de seu dever histórico, preocupação da melhor tradição filosófica. Essa tem seus pontos mais elevados em Hegel e Marx" (p. 86). É que a ruptura epistemológica de Marx se opera no terreno da filosofia especulativa à ciência da história. Por isso, os princípios da filosofia marxista da práxis constituem uma mediação filosófica muito importante da Teologia da Libertação. No entanto, existe uma dificuldade, muito séria, para compreender e usar o marxismo, que pode ser visto como dogma e mito e como teoria aberta. Outros temas discutidos e longamente analisados pelo autor tratam da utilização do marxismo como risco calculado, do real significado do materialismo de Marx, da teoria marxista da dependência como aplicação e explicação criadoras do marxismo, bem como do cristianismo e do marxismo dos anos 80.

A Teologia da Libertação se apresenta, pois, como expressão culminante de uma tradição teológica de libertação, como uma reforma cultural que parte de baixo, isto é, das massas e de seus intelectuais. "Assmann e Gutiérrez entendem a Teologia da Libertação com um 'momento' dentro de um movimento cultural, político e ideológico mais vasto: o movimento de libertação sócio-político latino-americano" (p. 121).

O autor adverte que "os teólogos da libertação têm o cuidado de salientar que, na elaboração de sua teologia, utilizam só 'instrumentalmente' o marxismo. Ora, isso está correto na medida em que se considera a relação com o marxismo a partir da específica construção da teologia" (p. 164). Ademais, não se trata da utilização do marxismo ortodoxo ou vulgar, do marxismo entendido como materialismo filosófico ou como um corpo monolítico de doutrinas fechadas. Trata-se do marxismo entendido como materialismo histórico, isto é, como

método científico de análise da realidade, como um corpo de teorias dinâmicas e abertas que devem sempre ser retomadas e reavaliadas a partir da prática concreta e em função de tarefas. Cumpre insistir em que a abordagem da Teologia da Libertação por parte de Luigi Bordin não foi empreendida do ponto de vista teológico, mas filosófico-epistemológico, analisando de forma especial as implicações da relação entre Teologia da Libertação e filosofia-ciências sociais.

Em conclusão, Luigi Bordin aponta criticamente a possibilidade da complementariedade entre a opção pelos pobres, a partir da fé em Cristo, e o marxismo, entendido seja como prática (os movimentos de libertação dos oprimidos), seja como a teoria social intrínseca e em função dessa prática.

Alino Lorenzon

Marcelo PERINE — *Filosofia e Violência* — Sentido e intenção da Filosofia de Éric Weil — Coleção Filosofia, nº 6 — Edições Loyola, 1987, 300 páginas.

A propósito da filosofia de Éric Weil, objeto de sua tese de Doutorado, o Autor aborda problemas filosóficos fundamentais, já levantados por Kant. Aliás o pensamento de Weil é uma longa meditação sobre temas kantianos, sobretudo sobre a terceira Crítica que Weil prefere chamar 'Crítica da judiciária'.

O livro contém quatro capítulos. O primeiro apresenta o personagem: esse filósofo alemão que desde cedo se fixou na França fugindo da barbárie de Hitler. Um autêntico filósofo, no sentido de Kant, que escreveu na 2ª Crítica: "Só tem direito ao título de filósofo quem pode apresentar em sua própria pessoa, com exemplo, o efeito infalível — domínio de si mesmo e interesse prioritário pelo bem comum, — coisa que os Antigos não deixavam de exigir de que quizesse merecer tão nobre título" (Cit. pg. 197). Weil representa uma confluência de culturas e de preocupações: a França e a Alemanha; a filosofia mais clássica e as inquietações mais modernas; um surpreendente culto ao bom-senso unido à audaciosa pretensão sistemática que deseja nada menos que concluir a Filosofia, compreender Kant e Hegel

melhor que ele mesmos se compreenderam, e ultrapassá-los a ambos, — um pelo outro, — como *kantiano pós-hegeliano*, segundo se define. Neste capítulo são analisados os primeiros escritos filosóficos de Weil, — já magistrais, — “Do Interesse pela História,” “Filosofia e Realidade”, e “Fim da História”.

O segundo capítulo é o encontro, — ou o confronto, — de Weil com Kant; encontro decisivo, pois a filosofia kantiana se tornou o elemento’ do filosofar de Weil. Num de seus estudos mais importantes, “Problemas kantianos”, Weil proclama que não passa de um anão instalado nos ombros de Kant, o gigante. A parábola confessa sua dependência e dívida em relação ao grande pensador, mas também aponta a respeitosa e grata ultrapassagem, pois justamente o que o gigante permite é a possibilidade de ver mais longe, do alto de seus ombros. Este capítulo é talvez o mais interessante do livro, porque desenvolve uma verdadeira re-estruturação ou re-criação que Weil opera no pensamento kantiano, a partir de seus temas fundamentais e de seu método peculiar. Deslocando um pouco a metáfora é como se o anão, depois de escalar os ombros do gigante, o instigasse a acrobacias e performances inéditas. E nesse circo filosófico, o Autor também toma parte, operando em Weil o que esse opera em Kant; e assim, em emocionantes exercícios, três filósofos evoluem ante nossos olhos para nosso deslumbramento.

É de todo impossível resumir este capítulo; convidamos, pois, os leitores a partilhar deste exercício de pensamento que se constrói, que pensa Kant no pensamento de Weil, e o de Weil no seu recente intérprete.

O Terceiro capítulo analisa a “Lógica da Filosofia” — a obra fundamental do sistema de Weil, cuja introdução deu o título à tese de Perine: ‘Filosofia e Violência’. A gênese e a estrutura deste livro clássico são estudadas com rigor e lucidez. Uma das idéias básicas de Weil é que a liberdade do homem faz que a filosofia seja apenas uma de suas possibilidades: a opção pela *Razão*, pelo discurso sensato. Outra opção é igualmente possível: a da *Violência*. O sistema de Weil, para perplexidade de alguns críticos, quer abranger o *discurso* e o *outro do discurso*, — a violência. Como é possível incluir no discurso a violência sem lhe conferir racionalidade discursiva? Como dar sentido ao que se recusa ao sentido? O autor dedica a parte mais laboriosa de sua tese a desfazer essa aporia, a mostrar a validade do empreendimento de Weil, defendendo-o contra Ricoeur e Labarrière. Sua solução é que “a Lógica da Filosofia” compreende a incompreensibilidade

de da violência para o sistema de Hegel, e assim o ultrapassa, isto é constitui-se como outro sistema, sistema de liberdade que compreende tudo e a si mesmo; compreende o outro da compreensão como aquilo que ele realmente é, ou seja, irreduzível à compreensão, alternativa e alteridade da compreensão, mas sempre possibilidade do homem, pois compreensão e violência estão sempre diante do homem. Elas não são nunca com-possíveis, mas uma e outra é sempre possível. Para compreender a incompreensibilidade da violência, a 'Lógica da Filosofia' colhe a categoria que a atitude da violência pura produz, emprestando-lhe a linguagem que ela se recusa a produzir. É, pois, por um artifício de prosopopéia que o lógico da filosofia elabora o discurso da violência, sem contudo perder a consciência metódica de seu artifício. Elaborando o discurso da violência, o lógico não renuncia à coerência do seu discurso categorial, quer dizer, não se contradiz, porque a violência mesmo recusando-se... a produzir qualquer discurso coerente, se proclama na Obra, e destarte, produz sua categoria. A categoria da violência não rompe a coerência do discurso do lógico da filosofia, por que, em última análise, ela dispõe da categoria do sentido, e, para ela, a recusa absoluta do Absoluto não é desprovida de sentido". (páginas 175/176).

O quarto capítulo expõe a Filosofia Moral de Weil. Uma moral do homem finito e razoável; esse ser imperfeito, capaz de observar as leis morais, mas ao mesmo tempo imoral; necessitando de uma regra e por isso mesmo se opondo a ela; que pode ser bom porque pode ser mau, e inversamente.

A moral que Weil busca é uma moral universalmente válida, teórica a fim de poder ser prática, e que produza contentamento no indivíduo: o apaziguamento de sua inquietação sobre o sentido da sua vida, a reconciliação interior que suprima o conflito e a divisão, — numa palavra, a felicidade". O Homem feliz é o homem virtuoso, e a moral se resume num único dever: ser feliz. Entretanto, enquanto violento, o homem pode não querer ser feliz; pode até escolher a violência pela violência. E aí entra o tema do mal radical, — do mal que não pode ser erradicado, — herança do pensamento de Kant, que ocupa lugar de destaque na Moral de Weil.

Felizmente, o homem finito é capaz de infinito, de felicidade de presença, da visão da Totalidade como cheia de sentido. A magnanimidade é a possibilidade realizada dessa presença que está efetivamente ao alcance do homem. E o autor conclui: "O sentido existe, basta abrir os olhos para vê-lo, basta querer viver moralmente para poder encontrá-lo, no mundo, na própria vida, e até mesmo no absurdo e

no trágico aos quais o indivíduo está sempre sujeito”.

O livro de Marcelo Perine tem grandes méritos, entre os quais a clareza da exposição é um dos maiores. Essa clareza deixa transparecer um vigor de análise, um tanto surpreendente num jovem filósofo que já surge com maturidade de pensamento e amplidão de perspectivas. Oportuno também é fazer conhecer entre nós um filósofo do porte de Weil, que por seus temas clássicos e grandeza moral se destaca no meio dos pensadores contemporâneos. Pena que os senões tipográficos cheguem a prejudicar a inteligência do texto. Fora disso aparecem algumas expressões ou modismos demasiado aderentes ao texto francês.

Desejaríamos que o Autor tivesse acrescentado um capítulo sobre a Filosofia política de Weil — mas quem sabe? — isto será tema de outro livro que completará sua análise do pensamento Weilliano.

Paulo Meneses

REZENDE, Antonio (org.). — *Curso de filosofia para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/SEAF, 1986. 254p. (Coleção Cultura Contemporânea. 3).

Como o próprio título indica explicitamente, o *Curso* destina-se a todo os que se iniciam no estudo da matéria, contribuindo, em nível de introdução, para a formação da inteligência crítica de seus leitores. Para isso, ir aos filósofos mesmos é o meio reconhecidamente necessário, e que é utilizado pelos autores. Porque o espírito filosófico não se pode formar senão pelo contato direto com as filosofias e com os filósofos. No *Curso* eles são apresentados historicamente e na ordem de sua aparição cronológica. É que o estudo histórico tem a vantagem de ser menos “dogmático” que o estudo temático, e de mais simples exposição pedagógica. A estrutura do *Curso* reúne uma história da filosofia — porque não há aprendizado da filosofia sem a sua história — e uma seleção de textos significativos dos grandes filósofos, capaz de ilustrar os temas básicos da disciplina. A estrutura escolhida é

2

muito didática: ao final de cada capítulo há uma listagem das *Palavras-Chave* utilizadas, um *Questionário* para uso dos alunos e os *Temas*, que são sugestões para seminários e debates programados pelo professor. Além disso, no final do livro, encontra-se um *Vocabulário* dos termos mais utilizados em filosofia.

Os diversos autores que participam da obra são todos profissionais qualificados, que gozam do reconhecimento da comunidade de alunos e professores e que trabalham, no magistério de nossas faculdades de filosofia, com os temas e autores sobre os quais se dispuseram a escrever, como pode ser verificado pelo reconhecimento do plano do livro.

Na *Introdução*, Maura Iglésias, PUC/RJ, escreve sobre *O que é filosofia e para que serve* (p. 11-6). Textos de Platão e de Aristóteles fundamentam a sua exposição. São os seguintes os demais temas e pensadores tratados. 1 — *Pré-socráticos: físicos e sofistas*, Maura Iglésias, PUC/RJ, (p. 17-42). Os subtítulos indicam a ordem seguida no tratamento do tema: sábios, filósofos, físicos e sofistas, meteorologia; cosmologia e cosmogonia; a busca de "princípios"; a imortalidade da alma e a metempsicose; sensível e inteligível, pluralidade e unidade, movimento e repouso; como defender uma tese mostrando o absurdo da tese contrária; como vir a ser sem vir do não-ser; a retórica, técnica de persuasão vazia de conteúdo; o homem é a medida de todas as coisas; é impossível aprender; o sofista sabe tudo; a disputa verbal: a erística; o bom sofista. Textos dos pré-socráticos, bem como de Platão e de Aristóteles acompanham a exposição.

2 — *Platão e as idéias*, José Américo Motta Pessanha, UFRJ, (p. 43-57). São os seguintes os subtítulos do tema: Platão e sua época; a academia; as obras de Platão; o diálogo socrático; dialética platônica e métodos dos geometras; crítica do conhecimento sensível; a doutrina das idéias; a alma e a reminiscência; a escalada do conhecimento; a idéia do bem; o retrato do filósofo; a presença de Platão.

3 — *O realismo aristotélico*, Maria do Carmo Bettencourt de Faria, UFRJ, (p. 58-73). Após a definição do realismo aristotélico, a autora desenvolve os seguintes subtítulos: Aristóteles e sua época; crítica a Platão; a origem da filosofia; o princípio de identidade; as causas do ser; o ser como substância; o acidente; o movimento; Deus e sua natureza; ordem e eternidade dos movimentos naturais; o homem como animal político; a virtude com justa medida; impacto do realismo aristotélico.

4 — *A filosofia cristã*, José Silveira da Costa, UFRJ, (p. 74 à 84). Na

filosofia patrística (séculos 1 a V d.C.) são estudados São Justino, Tertuliano, Santo Agostinho; na filosofia escolástica medieval (séculos XI a XIV), Santo Anselmo, Santo Tomás de Aquino, Pedro Abelardo, John Duns Scoto e Guilherme Ockham.

5 — ***O racionalismo cartesiano***, Hilton Japiassu, UFRJ, (p. 85 à 97). Após ter dado uma definição sucinta de racionalismo, o autor desenvolve os temas seguintes: Descartes e sua época; os princípios e o programa; a razão; o método; as verdades primeiras; a moral; o racionalismo e o mecanicismo; os impactos do cartesianismo.

6 — ***O empirismo inglês***, Danilo Marcondes de Souza Filho, PUC/RJ e UFF, (p. 98-105). Uma vez definido o empirismo, o autor trata dos seguintes subtítulos: a filosofia empirista e seu contexto; o conhecimento e a origem das idéias; o problema da causalidade; o problema da identidade individual; filosofia política; impacto e influência do empirismo; principais obras.

7 — ***O criticismo Kantiano***, Valério Rohden, UFRGS, (p. 106-119). Temas estudados: época da crítica; os limites da razão e a metafísica; condições de possibilidade do conhecimento; a ação; o juízo de gosto; sociedade e política.

8 — ***O positivismo de Comte***, Maria Célia Simon, USU, (p. 120 à 132). Definido o positivismo, a autora aborda os seguintes subtítulos: Comte e sua época; a lei dos três estados; a classificação das ciências; a sociologia; a moral; uma nova religião: a religião da humanidade; os impactos do positivismo; o positivismo no Brasil.

9 — ***Hegel e a dialética***, Franklin Trein, UFRJ, (p. 133-144). Este é o roteiro do estudo: A época, a vida e a obra de Hegel; a dialética hegeliana, o pensamento de Hegel e seu sistema filosófico; conclusão e impacto do pensamento hegeliano.

10 — ***O materialismo histórico***, Wilmar do Valle Barbosa, UFRJ, (p. 145-63). Uma vez definido o materialismo histórico, o autor trata dos seguintes subtítulos: a época de Marx e de Engels; materialismo histórico; trabalho e valor; o modo de produção capitalista; alienação: luta de classes, ideologia; o Estado.

11 — ***O irracionalismo de Kierkegaard***, Leda Miranda Hudne, USU, (p. 164-83). Após haver dado a definição de irracionalismo, a autora aborda estes temas: Kierkegaard e sua época; as dimensões da existên-

cia: a dimensão estética, a dimensão ética (o desespero é doença mortal, a universalidade do desespero, personificação do desespero), a dimensão religiosa e considerações finais.

12 — *Nietzsche: uma crítica radical*, Vera Portocarrero, USU (. 184-94). São os seguintes os subtítulos do tema: Nietzsche e sua época; a vontade de potência e a arte trágica; o ideal "dionísíaco"; a questão da genealogia dos valores morais; considerações finais que enfatizam a influência da filosofia de Nietzsche na Europa e no Brasil.

13 — *O existencialismo do Sartre*, Gerd Bornheim, UFRJ, (p. 195-203). Após a definição de existencialismo, o autor aborda os seguintes temas: o método e as teses fundamentais do existencialismo; a intersubjetividade, a liberdade; existencialismo e marxismo; bibliografia.

14 — *A filosofia analítica*, Vera Cristina de Andrade Bueno e Luiz Carlos Pereira, PUC/RJ, (p. 204-13). Inicialmente, é dada uma definição de "filosofia analítica" e, em seguida, são estudados estes subtemas: Contexto histórico; situação atual.

15 — *Visões da modernidade*, Eduardo Jardim de Moraes e Kátia Muricy, PUC/RJ (p. 214-29). Três autores são apresentados para a compreensão do universo político contemporâneo: Jurgen Habermas, Hannah Arendt e Michel Foucault. A — habermas e a teoria crítica da sociedade; modernidade e racionalidade; o propósito da crítica de Habermas; a política na contemporaneidade; a ideologia tecnocrata; a proposta de Habermas. B — Hannah Arendt e a compreensão de nossa época; o diagnóstico do nosso tempo; a análise do totalitarismo; as saídas do impasse político. C — Michel Foucault e a organização do poder; o poder na modernidade; a analítica do poder; os micro-poderes na sociedade disciplinar.

16 — *A filosofia no Brasil*, Antonio Rezende, PUC/RJ, (p. 230-44). O autor analisa os seguintes subtítulos: A desqualificação do pensamento brasileiro; a crítica "em mangas de camisa"; a crítica de Sílvio Romero; a crítica do padre Franca; a crítica de Miguel Reale; um momento de ruptura.

Vocabulário, Hilton Japiassu, UFRJ, (p. 245-54). É um vocabulário elementar, como o próprio autor observa numa nota de rodapé definindo os termos filosóficos mais utilizados.

A obra teve uma grande aceitação, de tal maneira que foi preciso

pensar imediatamente numa nova edição. A retomada da filosofia está mostrando e despertando um interesse crescente em todos os níveis. São numerosas as publicações de textos destinados sobretudo a professores e estudantes do 2º e 3º graus.

Alino Lorenzon

VALLS, Álvaro L. M. — *O que é ética*. São Paulo, Brasiliense, 1986. 83p. (Primeiros Passos, 177).

O autor pertence ao Departamento de Filosofia da UFRGS desde 1973. Fez estudos de pós-graduação na Alemanha, em Heidelberg, tendo dedicado o trabalho de mestrado a Adorno e o de doutorado ao conceito de história em Kierkegaard. Tem publicado vários artigos sobre temas filosóficos e educacionais.

A obra está redigida num estilo muito claro e didático. Preliminarmente, são apresentados os problemas da ética, mostrando como todos os grandes pensadores têm tratado da questão ética. Assim, "subornar um funcionário, é um problema apenas ético, apenas econômico, ou temos dois aspectos?

As questões da ética nos aparecem a cada dia. A partir do exemplo acima, logo poderíamos nos perguntar se, num país capitalista, o princípio do lucro poderia ou deveria situar-se acima ou abaixo das leis da ética. E em épocas mais difíceis, muitas vezes nos perguntamos se uma lei injusta de um Estado autoritário precisa ou não ser obedecida" (P. 8-9).

Mas, para melhor entender a importância e a atualidade do debate no campo da ética, o autor dá-nos um panorama histórico a partir da ética antiga. Platão e Aristóteles ocupam, e com razão, um lugar de destaque, porquanto são eles, sem dúvida, os primeiros grandes teóricos do pensamento ético. "Que os exemplos resumidos de Platão e Aristóteles nos bastem, em termos de grandes teorias morais. Apenas como uma amostra da profundidade e da seriedade da reflexão ética. Que é muito mais do que isto" (p. 34).

As contribuições dos filósofos gregos no campo da ética são ampliadas

pelo aporte das várias religiões, sobretudo pela revelação judaico-cristã. "A religião trouxe, sem dúvida alguma, um grande progresso moral à humanidade. A meta da vida moral foi colocada mais alto, numa santidade, sinônimo de um amor perfeito, e que deveria ser buscada, mesmo que fosse inatingível. Mas não se vai negar, também, que os fanatismos religiosos ajudaram a obscurecer muitas vezes a mensagem ética profunda da liberdade, do amor, da fraternidade universal" (p. 37).

Filósofos e moralistas, tanto na Idade Média, quanto na Moderna e Contemporânea, têm levantado questões muito sérias a respeito da fundamentação da ética. As várias concepções filosóficas, como o determinismo, o racionalismo, o "formalismo Kantiano", o marxismo, o utilitarismo, o pragmatismo, o positivismo lógico e a própria psicanálise têm discutido e aprofundado o sentido, a pertinência e o alcance do debate e do problema moral. É que o critério da moralidade e os ideais éticos, como aliás o próprio estatuto epistemológico do saber humano em geral e, sobretudo o das Ciências Humanas, não possuem normas rígidas, absolutas e unívocas para o comportamento humano. Se fizermos uma retrospectiva histórica das principais concepções e práticas morais das diferentes sociedades e culturas, da Antiguidade ao século XX, verificaremos uma variação muito acentuada na maneira de se determinar, de viver e de sancionar os ideais éticos. Hoje, no entanto, a situação é muito complexa e, até, desorientadora para qualquer pensador.

"A reflexão ético-social do século XX trouxe, além disso, uma outra observação importante: na massificação atual, a maioria hoje talvez já não se comporte mais eticamente, pois não vive imoral, mas amoralmente. Os meios de comunicação de massa, as ideologias, o aparato econômico e do Estado, já não permitem mais a existência de sujeitos livres, de cidadãos conscientes e participantes, de consciências com capacidade julgadora. Seria o fim do indivíduo?" (p. 47).

Ademais, toda discussão ética supõe uma concepção de liberdade porquanto não teria sentido algum falar em *responsabilidade* se o nosso comportamento fosse totalmente e, mesmo, predominantemente determinado. Entre as diversas formas de *determinismo* podemos enumerar o fatalismo, o materialismo e um certo idealismo do começo do século passado. A ética se movimenta, no entanto, entre dois extremos igualmente falsos: o determinismo absoluto e o liberalismo absoluto. A respeito dessa questão central da ética convém lembrar duas contribuições importantes do século passado: uma de Marx, outra de Kierkegaard. Aquele interpretou a história da humanidade

como a história de uma luta constante com a natureza; este relaciona a angústia com a experiência humana de ser livre, de poder optar e de ter mesmo que optar.

No campo de agir humano, o bem e o mal são geralmente os critérios utilizados no quadro da avaliação moral ou da reformulação de juízos de valor moral. O autor dá-nos, de maneira sucinta, uma visão histórica de como esses critérios têm assumido, em cada época do desenvolvimento cultural, cristalizações diferentes. Hoje, "os grandes problemas éticos se encontram nestes três momentos da eticidade (família, sociedade civil e Estado), e uma ética concreta não pode ignorá-los" (p. 71). Em relação à família, hoje se colocam de maneira muito aguda as questões das exigências éticas do amor. Em relação à sociedade civil, os problemas atuais se referem ao trabalho e à propriedade. Em relação ao Estado, os problemas éticos são muito ricos e complexos, envolvendo a ética política, a esfera da liberdade individual, a divisão dos poderes para evitar abusos, etc.

Assim, a consciência ética e a reflexão filosófica se defrontam com uma problemática muito ampla e desafiadora. Por isso, no final da obra consta uma bibliografia básica e de fácil acesso para o leitor brasileiro (p. 79-82) à disposição de quem deseja aprofundar e ampliar seus conhecimentos.

Dos vários méritos da obra, pode-se salientar os seguintes. O autor mostra como o *problema ético* é um fato constante em todas as civilizações, sobretudo na ocidental. Da Grécia Antiga aos nossos dias, a *Ética* sempre esteve presente em todas as sociedades. Mas apesar dessa presença constante, as dúvidas são muitas. Seria a ética apenas uma listagem de convenções sociais? Teria ela princípios permanentes e supremos que atravessam toda a história da humanidade? E numa sociedade capitalista, o lucro está acima ou abaixo da ética? A essas e a outras questões, o autor aponta pistas de discussão e de reflexão.

Outro mérito do livro consiste na maneira didática e clara como são apresentadas a amplitude e a importância da questão ética. Por isso, a Brasiliense, ao convidar o prof. Valls para escrever *O que é ética*, merece nossos aplausos, sobretudo por se tratar de uma temática um tanto esquecida em boa parte da filosofia brasileira.

Alino Lorenzon